

Bibliographia

1. Portugal lá fóra

—Na *Revista de Archivos, Bibliotecas y Museos* estão-se publicando estes dois trabalhos:

a) *La Geografía de la Península Ibérica* (antiga), por José Alemany.

b) *Plazas de guerra y castillos medievales de la frontera de Portugal* (segundo um manuscrito antigo), por M. G. Simancas.

O primeiro começou no vol. XIII, p. 463; o segundo no vol. XIV, de 1910, p. 372.

—No *Monthly Numismatic Circular*, de Julho de 1911, vem um artigo de H. T. Grogan sobre numismática indo-portuguesa, intitulado *Portuguese Ceylon coins*, com estampas. Vid. infra.

—*Essai sur la chronologie préhistorique de la Péninsule Ibérique*, de J. Déchelette, Paris 1909 (separata da *Rev. Archéologique*).— Sobre o assunto vid. também Hubert in *L'Antropologie*, XXI, 87, e in *Revue Celtique*, XXXII, 112.

—*Les origines de la drachme et de l'obole*, de J. Déchelette, Paris, 1911 (separata da *Revue Numismatique*, 1911, p. 1).—A p. 53 sgs. trata dos espetos de bronze portugueses, que alguns autores tem chamado «estoques» e «alfinetes de cabello», e que o Sr. Déchelette relaciona com os espetos etruscos, que tinham valor monetario.

—*Les âges protohistoriques dans le Sud de la France et dans la Péninsule Hispanique*, par Léon Joulin, Paris 1910 (extr. da *Revue Archéologique* 1910, t. II).

J. L. DE V.

2. Moedas portuguesas de Ceylão

Subordinado a este titulo, publicou a conceituada revista *The Monthly Numismatic Circular* no seu n.º 224 de Julho de 1911, col. 12:891 ss., um artigo acompanhado de gravuras elucidativas, de Henry T. Grogan, que por causa de sua importancia vamos extratar.

Em Ceylão, não só correram moedas cunhadas em Portugal, como muitas dos governadores das colonias vizinhas, e até o duro hespanhol e hispano-americano de oito reaes, vulgar no littoral asiatico.

Portugal cunha moeda em alguma das suas possessões; se da abertura da maior parte das casas da moeda se sabe a data, o mesmo não succede com outras, estando neste caso a de Ceylão, ilha occupada pelos portugueses desde o sec. XVI.

Só uma carta do vice-rei, Conde de Linhares, para Filipe III, escrita em 9 de Dezembro de 1634, nos elucida um pouco, quando

affirma que as moedas d'aquella possessão foram cunhadas nos tempos dos governadores D. Jeronimo de Azevedo (1612) e D. Constantino de Sá (1618-1630).

Alem d'esta informação, nada mais veio a lume; apenas o Dr. Gerson da Cunha, na sua obra *Contribuições para o estudo da Numismatica indo-portuguesa*, assevera que nas emissões se descurou o typo dominante na Casa da Moeda de Goa.

Assim, comparando a *tanga* de prata (achada em Ceylão), provavelmente lavrada na epoca das personagens indicadas, e cujo anverso é constituído pelas armas de Portugal dentro de um circulo granulado, e o reverso pelo monogramma que caracteriza tal denominação, dentro de igual circulo, com a peça similar que apparece no 3.º volume da obra de T. Aragão, notam-se differenças importantes; por isso D. Jeronimo de Azevedo, que tanto tomou a peito a cunhagem de moeda para a India, talvez, ao governar Ceylão, modificasse os cunhos da tanga de Malaca, emittindo outra de padrão diverso do usual.

Em 1640, lançado pela Casa da Moeda de Colombo, novo modelo surgiu: tem no anverso o brasão-de-armas de Portugal, que separa as lettras C L.º (Colombo), tudo envolvido por um circulo granulado, e este cercado por dois outros lisos; no reverso tem a grelha de S. Lourenço, que corta a página em duas partes, e está tambem no meio de circulos iguaes aos da página opposta.

É verdade que os caracteres empregados como abreviatura da palavra *Colombo*, que é frequente verem-se na correspondencia indo-portuguesa d'esse periodo, bem podiam designar C(ey)l(ão); mas é muito provavel que se refiram a Colombo, visto que os portuguezes foram senhores d'essa cidade.

A grelha de S. Lourenço, que se vê na moeda, como symbolo de Malaca, que foi conquistada no dia da festa do santo, é prova de que esta se cunhou conforme as leis monetarias ahi em vigor, leis hoje desconhecidas, e unicamente lembradas por certas allusões existentes em documentos officiaes da Casa da Moeda de Goa.

O Museu Britannico possui um exemplar grosseiro d'aquella moeda, sem data e sem signal da casa emissora, exemplar que é possivel que pertença á emissão de Constantino de Sá.

Pelos annos de 1620 e 1643, no estabelecimento monetario goense, fabricaram-se para Ceylão duplas tangas de prata, cujo anverso é ornamentado com as armas de Portugal, que separam as iniciaes G A («Goa»), havendo na orla um circulo granulado entre dois lisos, e cujo reverso tem, no centro, o monogramma representativo do nome da moeda posto entre D S, em baixo a data e na orla circulos semelhantes

aos da pagina anterior. Os caracteres inscritos nesta face (D S), querem dizer—*De Seylão*, pois que o nome da ilha se escreveu indifferente-mente, *Ceylão*, *Zeilão* ou *Seylão*.

As peças de Malaca, vindas a publico de 1632 a 1636, exceptuando as letras distinctivas da casa emissora, tem certas analogias nos desenhos com as acima descritas.

Devemos recordar que o termo *tanga* tem apenas sentido generico de «dinheiro», não designando a sua importancia, por que tangas de Malaca houve, que, apesar do nome, tiveram tres valores diversos.

No seu livro de *Viagens*, William Barret, escriptor e negociante do sec. XVII, cita, com o nome de *patachine*, a peça maior de Malaca («patacão novo»), do valor de seis tangas, com as armas de Portugal de um lado, e as iniciaes ST do outro. Gerson da Cunha dá-nos um extracto das affirmações d'aquelle auctor. Tendo os Portugueses perdido Malaca em janeiro de 1641, Barret devia ter visto aquella moeda em circulação muitos annos antes do apparecimento da sua obra (1648).

Gerson da Cunha, ao compor o seu trabalho, não conhecia peças com as iniciaes DS, mas em nota de p. 59-60, extrahida de Churchill, *Collection of Voyages, London, 1732*, vol. I, fl. 272, diz que Navarette, escriptor dos meados do sec. XVII, afirma que em Ceylão era vulgar uma moeda regional comparavel á que havia em Malaca—isto é, com aquelles caracteres (DS).

A respeito das tangas de Ceylão, não deve deixar de se mencionar o artigo inserto n-*O Archeólogo Português*, vol. XI, 1906, por M. J. de Campos.

Ainda em Goa, por 1645, foram emittidas para Ceylão duplas e simples tangas de prata com a grelha de S. Lourenço no reverso, e na face contraria, as letras GA («Goa»).

O unico exemplar que se conhece das dúplas tangas está no Museu Britannico; M. J. de Campos dá-nos na revista citada o desenho de uma simples tanga de 1640, a qual pertence ao autor do artigo que se está resumindo. Comtudo, a data verdadeira não é essa, e sim 1645; a confusão proveio da forma do «5» do fim.

Em 1649 cunhou-se em Goa novamente uma dupla tanga, do typo de DS, para Ceylão.

Cunha, a p. 43 das *Contribuições*, observa que Ribeiro na *Historia de Ceylão*, nota «que os Portugueses introduziram na ilha o uso dos *pagodes*, *pardaos* e *larins*, alem das tangas que tinha de um lado as armas reaes e do outro a imagem de um frade».

Effectivamente, moedas d'esta especie se cunharam na Casa da Moeda de Goa nos reinados de Filipe III e de João IV para ahi cir-

cularem, distinguindo-se as do primeiro monarcha pelas iniciaes SF que acompanham a figura de S. Filipe allusão ao nome do rei, e as do segundo pelas letras SI («S. João»).

Todavia, o regulamento da mesma casa, de 8 de Fevereiro de 1645, prohibiu o lavramento das peças d'este typo, substituindo-se a figura do santo pela Cruz da Ordem de Christô com a data no angulo.

Não obstante tal prohibição, a dupla tanga com a figura do santo cunhou-se ainda para Ceylão em 1650, 1651, 1652 e 1653, com as letras GA; a despeito do que diz Ribeiro, é muito duvidoso que a cunhagem se fizesse em Ceylão, pois GA são as letras monetarias de Goa.

Por vezes tem-se encontrado moedas do typo do santo, de data anterior a 1650, que correram em Ceylão com a respectiva contramarca hollandesa; mas eram peças lavradas em Goa para ahi terem curso, porquanto só as datadas de 1650 a 1653 se podem classificar como moeda portuguesa de Ceylão.

Estas, bem como as duplas tangas já descritas, chamaram-se indevidamente, por causa de Aragão, *meios-xerafins*. O verdadeiro meio-xerafim cunhado em Goa para ahi correr, não chegou a 1650; como característica, tinha no anverso a cruz da Ordem de Christo.

Em 1658, os Hollandeses ao tornarem-se senhores da ilha pela tomada de Jafena, vendo em circulação a maior parte das moedas de que ha pouco se falou, contramarcaram-nas, pondo-lhes o carimbo da Companhia Hollandesa das Indias Orientaes.

Termina o Sr. Grogon o seu artigo declarando que uma grande escassez de documentos relativos aos dois primeiros seculos da historia da Numismatica indo-portuguesa o impede de ser mais minucioso, e que no meio de tal aridez lhe seja licito lembrar o trabalho de M. J. de Campos, publicado no *Boletim da Sociedade de Geographia de Lisboa* em 1901¹ acerca da Numismatica indo-portuguesa, trabalho que por ser a obra mais util que ha sobre o assunto é pena que não venha acompanhada de illustrações.

Lisboa, 20 de Agosto de 1911.

S. FERREIRA.

3. Centenario da Guerra Peninsular

1. *Exposição historica commemorativa*: Catalogo organizado pela Commissão Official Executiva do Centenario, Lisboa 1910, com estampas.

¹ [Cfr. *O Archeologo Português*, xiv, 251].

2. *Monthly Numismatic Circular*, n.º 220, de Março de 1911.

Como é sabido, uma das fórmulas por que se commemorou este Centenario em 1910 foi uma exposição historica que se realizou numa das salas do Museu de Artilharia, e á qual, mercê das reiteradas instancias e assiduos esforços dos seus promotores, concorreram diversas collectividades militares e civis, bem como simples particulares que possuíam reliquias d'aquelle cyclo historico.

Pois não quiseram os seus illustres organizadores ficar por aqui: e num volume de 111 paginas, entremeadado de gravuras elucidativas, procuraram, ainda, perpetuar esse *certamen*, dando-nos uma relação completa e cuidada, não esquecendo sequer a sua proveniencia, dos 700 e tantos objectos nella expostos.

Assim, no primeiro grupo — porque a obra traz os objectos colleccionados por grupos para maior facilidade de consulta — descreve-se tudo o que se obteve sobre material de guerra, como sejam, peças, obuzes, armas brancas, e tambem sobre correame e equipamento, estandartes e bandeiras. Trata o segundo capitulo dos uniformes então em uso nos exercitos alliados e no francês, seguindo-se a collecção das medalhas e condecorações nacionaes e estrangeiras. Depois, apparecem os planos de combate, esboços de terrenos, alguns instrumentos geodesicos, e logo tudo o que concernente ás bellas-artes e relativo ao periodo se pôde ajuntar, finalizando-se pelo agrupamento dos productos de varias industrias que por qualquer motivo recordam esses tempos heroicos.

Por este simples enunciado do que constam estas sete divisões se calcula quão util será o presente catalogo para os estudiosos, que nelle terão elementos de valia para as suas lucubrações historicas. Por isso é digno de louvores quem se lembrou de tornar conhecidos d'esta maneira todos esses valiosos documentos das campanhas peninsulares.

*

No n.º 220, Março, da já acima citada revista *Monthly Numismatic Circular*, col. 12670, vem representada a medalha commemorativa de que ha pouco fallei, —acompanhada da transcrição das seguintes palavras que, a proposito da mesma, o *Times* inseriu num seu numero de Outubro proximo passado: «There has been issued a very artistic medal to commemorate the Centenary, whose spirited design puts to shame many an official medal produced on our own side of the Channel».

Não podemos deixar de nos congratularmos por taes dizeres que a mesma revista por sua vez perfilha e que, infelizmente, bem poucas vezes se nos endereçam, porque medalhas dignas d'estes encomios não existem muitas em Portugal.

Sirva, portanto, aquelle elogio de incentivo para o futuro, como de justa homenagem ao valor do illustre artista que a esculpiu.

Lisboa, 1 de Setembro de 1911.

S. FERREIRA.

Chronica

Pela nova reforma da instrucção pública foram criadas Faculdades de Letras em Lisboa e Coimbra, e nellas estabelecido o ensino das seguintes disciplinas que especialmente respeitam aos assuntos de que *O Archeologo Português* se occupa: Philologia classica, Archeologia, Epigraphia, Numismatica, Paleographia, Diplomatica, Ethnologia, Historia da arte, Historia das religiões, e Historia geral da civilização.

J. L. DE V.

Errata

NO *Archeologo*, xv, 32, na 5.^a linha a contar da nota para cima, saiu por engano *hectares*, em vez de *hectometros*.